

*Fanged Noumena: Collected Writings 1987-2007*, Falmouth: Urbanomic, 2012,  
de Nick Land

**Diogo Ferreira**

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

[a48414@campus.fcsh.unl.pt](mailto:a48414@campus.fcsh.unl.pt)

**Resumo**

Nos últimos anos, atendendo ao renovado interesse pelas teorias aceleracionistas e pelas abordagens pós-humanistas ao problema da comunicação, justifica-se um regresso ao pensamento de Nick Land, filósofo britânico com um percurso académico tão influente quanto controverso. *Fanged Noumena* (2012), coleção de textos deste autor editada por Robin Mackay e Ray Brassier, é a mais importante introdução ao seu universo conceptual radicalmente inumano.

**Palavras-chave:** inumano; aceleracionismo

Antes de iniciarmos esta brevíssima exposição dos “assuntos” de *Fanged Noumena*, será preciso dizer que a importância de um autor como Nick Land não se afere apenas pelo confronto académico com os textos – os que ele escreveu (presentes em grande número neste livro) e os que inspirou (manifestos políticos, ensaios de realismo especulativo, contos de terror, composições de música electrónica...). É também uma série de desenvolvimentos nas democracias ocidentais contemporâneas que nos devolve a produtividade do seu pensamento, independentemente de o conhecermos ou não. Isto é, se é possível que todo o texto académico pretenda antecipar-se ao real, em Nick Land esta futurologia, todavia, assume que tem (e continuará a ter) os seus efeitos. Ela nunca pressupõe uma atitude convencionalmente crítica, um esforço de previsão fundado numa distância entre sujeito que prevê e objecto previsto. Bem pelo contrário, os textos de Land reunidos em *Fanged Noumena* (2012) apresentam-se como tendo sido *invadidos* pelo futuro, possuídos por uma impessoalidade alienígena, um “Predador Celestial” (p. 535). Ora, o que dessa máquina retórica importa reter é que a escrita de Land não se limita a funções de representação – quer produzir real. É o próprio que o confessa: antecipar uma tendência é “intensificá-la”, “acelerá-la” (p. 384).

Mas que futuro é este que *regressa* através de Land, e de que modo nos é contemporâneo? A resposta aguarda o leitor em *Fanged Noumena*, compilação onde Robin Mackay e Ray Brassier nos apresentam os ensaios que pertencem à fase mais exploratória (e menos reaccionária) das investigações deste autor, compreendida entre 1987 e 2007. Na presente recensão ao livro, tendo em conta a sua natureza fragmentária e multidimensional, vemo-nos forçados a seleccionar apenas os conteúdos insistentes de entre os existentes (que são os mais diversos, desde o sadismo de Kant à poesia de Trakl, desde ficções experimentais a tratados de ocultismo...).

Para aceder a este pensamento é necessário, em primeiro lugar, esclarecer aquela que será porventura a sua maior referência teórica: *O Anti-Édipo* (2004), de Deleuze e Guattari. Nick Land não só retoma o mapa conceptual dessa obra, como faz dele um uso enviesado e surpreendente, que rompe de forma decisiva com a exegese mais vitalista, bergsoniana, que ainda muitos repetem sobre esse texto seminal. O fascínio do filósofo britânico pelo estudo de Deleuze e Guattari deve-se, essencialmente, ao horizonte inumano da problemática por eles definida. Do rigor com que os autores denunciam a captura da produção desejante pelo enredo idealista da psicanálise – o desastre de se ter substituído “um inconsciente produtivo por um inconsciente expressivo” (2004, p. 28) –, Land extrai uma lição fundamentalmente anti-humanista: se o inconsciente é maquínico, uma anárquica multiplicidade, então ele opõe-se radicalmente às determinações orgânicas, “imunopolíticas”, que a todo o custo procuram justificar e salvaguardar o drama do Édipo, o fascismo do Uno, a violência do Estado, e em última instância, a soberania do Homem. Mas tais sedimentações antropocêntricas terão para Land um curto prazo de validade. Antes de morrer o desejo, morrerá a ficção do sujeito que deseja, do mesmo modo que o consumo sobreviverá ao consumidor. Esta inumanidade do inconsciente maquínico, autonomizada no capital, encarregar-se-á, portanto, de fazer colapsar a História. Ou nas palavras de Land: “O profundo segredo do capital-enquanto-processo é a sua incomensurabilidade com a preservação da civilização burguesa, que se agarra a ele como um anão montado num dragão”. (2012, p. 265) Tudo o que é humano dissolve-se no ar. Restará somente essa inteligência artificial (mas nem por isso menos real) da multiplicidade historicamente recalcada.

Ao longo dos vários ensaios recolhidos em *Fanged Noumena*, o autor oferece uma cada vez mais detalhada e disfórica imagem da conquista planetária pelo tecnocapital. Interessar-nos-á o aspecto comunicacional desta narrativa, que nos permite traçar nela um percurso transversal. Nesse sentido, destacam-se duas dimensões dos processos de comunicação que definem esta capitulação do humano: *função ciberpositiva* e *virialidade*.

Começamos por analisar os textos “Circuitries” (pp. 289-318) e “Machinic Desire” (pp. 319-344). Neles, Land defende que a cibernética do capitalismo não será de ordem homeostática, isto é, não se dirige segundo a cibernegatividade de uma regulação interna – “não tem limite exterior” (Deleuze e Guattari, 2004, p. 240). Tratar-se-á da situação oposta: a função proeminente nos fluxos de capital é antes a do *feedback* positivo, força desterritorializante que “reforça a diferença e escapa ao equilíbrio” (Land, 2012, p. 330): quer-se inexoravelmente *mais e mais*, dinheiro produz dinheiro num circuito autónomo de desejo e adição. Os fenómenos mediáticos de *hype* (p. 384) – o modo como a criação de expectativas em torno de um produto determina o seu sucesso – são esclarecedores a este respeito. É a pura replicação que assume o controlo: o capital não cessa de se comunicar a si mesmo.

Por outro lado, o capitalismo, na sua potência de desterritorialização, emerge como derradeira imanência englobante, pelo que Land condena ao fracasso toda a *praxis* marxista que tenha em vista a edificação de uma “exterioridade ascética” (p. 278), um humano *fora* para este *dentro* que já mostrou ser capaz de tudo integrar, incluindo a própria revolução. Nestas condições, a única alternativa que Land nos propõe à simples resignação é esse projecto pós-político de *aprofundar o ciberpositivo*. Mais tarde apelidado de “aceleracionista”, este programa foi curiosamente acolhido tanto por facções de esquerda como de direita. Ele não pretende travar a máquina, ou pô-la periodicamente de castigo, mas sim acelerá-la ao ponto de obliterar toda a edipianização, todo o fascismo residual: “a revolução maquínica deverá, portanto, ir na direcção oposta à regulação socialista; prosseguir os esforços no sentido da cada vez mais desinibida mercantilização dos processos que estão a destruir o campo social” (p. 340). Troca-se a narrativa teopolítica democrática por uma perpétua deriva. O futuro expulsa os heróis e dá as boas-vindas aos navegadores, que conspiram contra o humano e o social a cada nova hiperligação, a cada novo clique...

“O capital propaga-se viralmente na medida em que o dinheiro comunica adição” (p. 338). Torna-se evidente que a acepção antropocêntrica de comunicação já não dá conta dos processos ciberpositivos capitalistas, que não *significam*, mas *produzem, propagam, aceleram*. E ciente de tal insuficiência, Land, mais uma vez, ainda que de forma menos explícita, retoma as teses de Deleuze e Guattari. Em *Mil Planaltos* (2007), no decisivo capítulo dedicado aos “postulados da linguística”, os dois autores afirmam que “a linguagem não é informativa nem comunicativa, não é comunicação de informação, mas, o que é muito diferente, transmissão de palavras de ordem” (p. 112). Land regressa a esta concepção eminentemente pragmática da linguagem, centrada nos seus actos imanentes – nas alterações de estados que derivam das suas “palavras de ordem” – e avessa a qualquer

hermenêutica ou lógica de significação. Tal abordagem estabelece que não devemos perguntar a um texto o que quer ele dizer, mas sim, o que pretende ele *façer conosco*. De que “transformação incorporal” seremos alvo? Quando, no exemplo mais banal, um juiz declara alguém como “culpado”, sabemos perfeitamente que deslocamentos daí decorrem, sabemos o que implica a transformação do acusado em condenado. Mas Land, como lhe é típico, ri-se do drama humano. Em “Hypervírus” (2012, pp. 383-390) interessa-lhe apenas a pulsão de dessubjectivação na pragmática: ultrapassada a função metafórica da linguagem – visto que o problema é de efeitos e não de interpretação –, nada parece distinguir estes actos imanentes da impessoalidade de um contágio, a transmissão de um código viral.

De que nos serve perguntar “quem é a doença”? *Infectar* não será exercer um poder coercivo sobre o Outro, pois não haverá nem Eu nem Outro nesta situação comunicacional que Land fixa muito para além da oralidade dialógica ou da escrita do Estado. E os infectados serão, imediatamente, todos aqueles que entrem em contacto com as “virotécnicas” (p. 383) dos *hipermedia*. Não será, por isso, de estranhar que as primeiras vítimas tenham sido artistas que, adiantando-se ao digital, desafiaram as últimas fronteiras formais que a modernidade não havia abolido nos meios artísticos: “saindo de um dispositivo de recombinação de *cut-ups* e gravadores, o hipervírus infetou Burroughs em 1972” (p. 388). É a natureza simultaneamente rizomática e combinatória do hipertexto que possibilita este meio técnico de infecção, onde “o ser se dissolve em actividade” (p. 386). O jogador, o navegador e o utilizador estão todos eles infectados, activamente investidos num devir-inumano. Em tempo real, a unidade humana converte-se numa multiplicidade monstruosa.

E a propósito desta monstruosidade, note-se que *Fanged Noumena* oferece uma visão lovecraftiana do ciberespaço que é hoje bastante ousada, quando a crítica à calculabilidade do texto digital parece já se ter cristalizado. Contrariamente a autores como Michael Heim (1993), que denunciam a estrutura logocêntrica do ciberespaço, onde só encontram uma “reciclagem do platonismo pelo computador” (p. 89), Nick Land é atraído precisamente pelo irracional, pela sombra do digital. Em assumidas experiências com os limites da filosofia (mobilizando os discursos da ficção, da superstição, da cabalística, da numeração...), alguns dos seus ensaios procuram uma via de acesso a uma “Cripta” do ciberespaço – foco da multiplicidade inumana que a todo o momento se alastra e coloniza o real; lugar onde, segundo ele, “a realidade cósmica constrói-se a si mesma sem pressuposição, antes de qualquer ordem natural, e exterior às instituídas estruturas do tempo” (2012, p. 547).

Se é verdade que os últimos textos de *Fanged Noumena* conduzem as tendências cibergóticas de Land a um extremo insustentável, é pelo menos louvável o facto de estas

expedições, por muito delirantes que se tornem, parecerem sempre necessárias ao seu pensamento. Nunca o leitor perde de vista aquela que é a grande urgência nietzschiana desta filosofia: superar a mediocridade do Homem – ainda que no caso de Land isto se proceda através de uma adesão sem planos a um futuro invasor, atitude que muitos qualificarão como “distópica”. Mas será desejável, ou sequer possível, o invadido planear a invasão? “O planeamento é o sintoma criacionista de circuitos de *software* subconcebidos” (p. 299). Haverá uma xenofobia intrínseca à resistência ao futuro? “Aqueles que procuram defender a administração humana dos processos sociais (...) não podem ter outro projecto senão restaurar uma *história* cujo sentido ideal se religaria ao significado do Ocidente” (p. 231).

Partilhe-se ou não do anti-humanismo de Land, a singularidade de *Fanged Noumena* perdura. Este conjunto de textos renova os conceitos, e crucialmente, as imagens da filosofia continental contemporânea, permitindo pensar a política que sucede à falência da democracia, a comunicação que se efectua após a obsolescência do significado, e a liberdade que virá depois do humano, mas que estará já a determinar – inconscientemente – o rumo da espécie. Como escreve Sloterdijk (2006), porventura no seu registo mais “landiano”: “Parece que está em funcionamento um automatismo cinético moral que ‘nos condena não apenas à liberdade’ mas também a um constante movimento em direcção à liberdade” (p. 38).

## Bibliografia

- Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. 2004. *O Anti-Édipo*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. 2007. *Mil Planaltos*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Heim, Michael. 1993. *The Metaphysics of Virtual Reality*. Nova Iorque: Oxford University Press.
- Sloterdijk, Peter. 2006. "Mobilization of of the Planet from the Spirit of Self-Intensification." *The Drama Review* 50 (4): 36-43.

## Nota biográfica

Diogo Ferreira é licenciado em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Actualmente encontra-se nesta mesma instituição a frequentar o mestrado em Ciências da Comunicação, na área de Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias. Em 2018, foi orador na Conferência

Internacional “Memória / Arquivo / Documento – Artes e Arquitectura”, onde apresentou o *paper* “Apichatpong Weerasethakul: Recordar o presente”.

**Morada institucional:** Avenida de Berna, 26-C / 1069-061 Lisboa Portugal

Recebido/ Received 2019-07-11

Aceite/ Accepted 2019-12-20